



DOI:10.22476/revcted.v9.id672

ISSN: 2447-4223

## A TEMÁTICA AMBIENTAL E A LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA: QUE RELAÇÕES COM A NATUREZA ESTÃO POSTAS?

**Gabriella Pizzolante da Silva<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-9808-2611>

UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, Unidade de Atendimento a Criança, São Carlos, SP, Brasil

**Carolina Rodrigues de Souza<sup>2</sup>**

 <http://orcid.org/0000->

UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Metodologia de Ensino, São Carlos, SP, Brasil

Submetido em: 30/11/2022	Aceito em: 17/12/2023	Publicado em: 27/12/2023
--------------------------	-----------------------	--------------------------

### Resumo

O artigo proposto tem por objetivo levantar reflexões teóricas sobre a veiculação, nos livros infantis, de discursos que sustentam uma espécie de pedagogização do contato com a temática ambiental. Com caráter instrumentalizado, didatizado e moralizante, essa literatura se preocupa, majoritariamente, em prescrever às crianças maneiras de ser, estar e agir no mundo, marcado atualmente pela ideia de crise ambiental. Nesse sentido, é uma literatura que busca produzir subjetividades coletivas homogeneizadas e não permite forjar outros e novos territórios existenciais. Em outra direção, a partir de nova lógica ecosófica, apresenta-se aqui a possibilidade da literatura infantil enquanto arte, provocadora de potentes experiências infantis, cuja centralidade esteja na própria infância.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Natureza; Ecosofia;

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Unidade de Atendimento a criança. E-mail: gabriellapizzolante@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: carolinasouza@ufscar.br.



## **ENVIRONMENTAL SUBJECT AND CONTEMPORARY CHILDREN'S LITERATURE: WHAT RELATIONSHIPS WITH NATURE ARE POSTED?**

### **Abstract**

The proposed article aims to raise theoretical reflections on the dissemination, in children's books, of discourses that support a type of pedagogization of contact with environmental issues. With an instrumentalized, didactic and moralizing character, this literature is mainly concerned with prescribing to children ways of being, being and acting in the world, currently marked by the idea of environmental crisis. In this sense, it is a literature that seeks to produce homogenized collective subjectivities and does not allow for the forging of other and new existential territories. In another direction, based on a new ecosophical logic, the possibility of children's literature as an art is presented here, provoking powerful children's experiences, whose centrality lies in childhood itself.

**Keywords:** Children's literature; Nature; Ecosophy.

## **TEMAS AMBIENTALES Y LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÁNEA: ¿QUÉ RELACIONES CON LA NATURALEZA SE PUBLICAN?**

### **Resumen**

El artículo propuesto tiene como objetivo plantear reflexiones teóricas sobre la difusión, en el libro infantil, de discursos que sustentan un tipo de pedagogización del contacto con las cuestiones ambientales. De carácter instrumentalizado, didáctico y moralizante, esta literatura se preocupa principalmente por prescribir a los niños modos de ser, estar y actuar en el mundo, actualmente marcado por la idea de crisis ambiental. En este sentido, es una literatura que busca producir subjetividades colectivas homogeneizadas y no permite la forja de otros y nuevos territorios existenciales. En otra dirección, basada en una nueva lógica ecosófica, se presenta aquí la posibilidad de la literatura infantil como arte, provocando poderosas experiencias infantiles, cuya centralidad reside en la niñez misma.

**Palabras clave:** Literatura infantil; Naturaleza; Ecosofía.

### **1. Pensamentos iniciais**



A escrita deste artigo despontou a partir de algumas reflexões emergentes sobre a (re)produção de discursos e a construção de subjetividades no espaço formal de educação das crianças, considerando a temática ambiental. São reflexões que permeiam estudos teóricos em articulação com inquietações oriundas do fazer pedagógico com crianças pequenas.

Com esses atravessamentos teóricos e práticos começamos a perceber que a área da educação ambiental para a infância dá indícios de uma pedagogização do contato com a natureza<sup>3</sup>. A preocupação parece estar em promover um agir consciente, de caráter preservacionista, que prescreve às crianças maneiras de interação *na* e *com* a natureza. Ainda que seja possível encontrar indicativos de esforços de abordagens que não sejam essas, a projeção adulta sobre a criança parece prevalecer.

Como o discurso de crise ambiental – que praticamente define a gênese da necessidade de uma educação ambiental – foi postulado como verdade universal e se tornou uma demanda pedagógica? Que ferramentas, no ambiente institucional de educação das crianças, são utilizadas para sustentar esse discurso?, são indagações que movimentam o pensamento desenvolvido neste texto.

Na teia de prática e convívio com crianças da Educação Infantil, observamos o uso frequente dos livros como ferramenta para abordar a temática ambiental e, de maneira mais ampla, a cultura científica. A literatura infantil ganha centralidade e é disparadora de temas que envolvem as ciências naturais. Neste artigo, problematizamos as obras de literatura infantil e seus discursos sobre a temática ambiental.

Buscamos pensar quais relações com a natureza estão postas. Interessa-nos desenvolver um pensamento em defesa da literatura infantil enquanto resistência às concepções hegemônicas, visando possibilitar às crianças a invenção de novos modos de existência, ainda não pensados e instituídos pela lógica adulta.

Nesse movimento outras provocações surgem. Pensar sobre que criança leitora se pressupõe nesses livros. Que imagens de crianças estão sendo representadas nessas obras literárias? As

---

<sup>3</sup> Ideia inspirada em Magalhães (2016), que fala em “pedagogização da Educação Ambiental”.



narrativas textuais e visuais da literatura infantil e seu uso didático estão contribuindo para manter as concepções postuladas na modernidade sobre criança e infância, e sobre a relação do sujeito com a natureza? Pode uma literatura infantil contribuir para fazer resistência às concepções hegemônicas e possibilitar às crianças inventar novos modos de existência, jamais pensados pela lógica adulta?

Centrado no debate sobre o universo infantil, em que os livros continuam bastante presentes nos ambientes formais de educação e nas práticas pedagógicas com as crianças, tecemos este artigo, em que problematizamos a literatura produzida para crianças e sobre elas, e o uso de obras literárias na prática pedagógica para pensar a temática ambiental com crianças.

## **2. (Des)Encontro inicial com a temática ambiental no universo literário infantil**

Há muitos trabalhos, principalmente nas áreas de concentração de Educação, Estudos Literários e Linguagens e Letramentos, focando o universo literário no contexto da Educação Infantil. Em linhas gerais, são pesquisas que voltaram seu olhar, majoritariamente, para a promoção da leitura literária e da criança leitora, com análises e sugestões de métodos de ensino, evidenciando o caráter formativo da literatura na constituição das crianças. Esses trabalhos destacam suas contribuições para a alfabetização, para o letramento e para o aprimoramento das habilidades de fala, leitura e escrita.

Os trabalhos de Tatiana P. da Silva (2016), Thiago G. da Silva (2017), Silvana Ap. de A. Miranda (2016), e Daiane C. Antloga (2014)<sup>4</sup> se propõem a analisar livros infantis de temática ambiental ou de ciências naturais como material de apoio à educação científica das crianças, levando em conta sua funcionalidade para o ensino de ciências. Tais trabalhos evidenciam as contribuições desta literatura para o processo de alfabetização científica e de aquisição de conteúdos.

Embora essas pesquisas estejam focadas nos processos educacionais com crianças do Ensino Fundamental e não da Educação Infantil, são reveladoras de concepções teóricas que têm vigorado na relação dos processos das crianças com a literatura.

---

<sup>4</sup> Pautadas nas proposições das metodologias feministas e considerando a linguagem como dispositivo de poder, optamos por usar o nome completo das pessoas autoras na primeira referência, como estratégia que busca romper com o sexismo e o machismo que invisibiliza a presença de mulheres na linguagem.



Localizamos também pesquisas tais como as de Débora Ap. de Souza (2016) e de Camila S. Magalhães (2016), focadas nas articulações da literatura infantil com as questões relativas à temática ambiental, mobilizadas pela nova demanda da contemporaneidade, a da Educação Ambiental.

Souza, D. (2016) justifica essa demanda a partir do pressuposto de crise ambiental e recomenda o uso de livros infantis como uma possibilidade de incentivar transformações na relação sociedade-natureza, enquanto maneira de enfrentamento dessa situação emergencial. O objetivo da pesquisa é contribuir para promover melhorias nos padrões dessa relação, afirmando o trabalho pedagógico com os livros como significativos para o trabalho com a Educação Ambiental nas escolas. Nas palavras de Souza, D. (2016, p. 86):

Apesar do predomínio da concepção antropocêntrica/utilitarista, já esperado, em função de sua hegemonia em nossa sociedade atual, conforme já indicado no referencial teórico que subsidia este trabalho, esse resultado nos surpreendeu no sentido de encontrarmos outras concepções de relação sociedade-natureza e de valores (ético do cuidado e estético por simples prazer) presentes nessas obras e que, conseqüentemente, estão chegando às crianças brasileiras por intermédio da escola. Diante de nossas preocupações com as questões de ordem ambiental, em que estamos buscando contribuições no sentido de melhoria nos padrões de relação da sociedade-natureza, procurando valorar a natureza mais por seu valor intrínseco, essas obras, nas quais identificamos essas concepções e valores, mostram ser uma possibilidade de trabalho em EA nas escolas.

Na mesma direção, as pesquisas de Lúcia Martins e Teresa Mendes (2013), Cíntia Cunha *et al.* (2020), José R. N. Costa e Gilberto L. Alves (2020) apresentaram a literatura infantil como importante instrumento para um trabalho pedagógico, com vistas à sensibilização e à conscientização ambiental, à transformação de hábitos e à promoção de uma educação ecológica.

Nesse sentido, tal como afirma Mônica de M. Santos (2011), existe um vínculo nítido da literatura infantil com a educação e a pedagogia, que determina sobremaneira a produção, a comercialização, os estudos e as análises de livros infantis. Ela apresenta essa ideia logo no primeiro capítulo de sua tese:

[...] esboça-se uma genealogia do conceito de infância e da emergência da literatura infantil/juvenil no Ocidente com o objetivo de discutir o vínculo do gênero, desde o seu surgimento, com a pedagogia, por se compreender que tal relação é determinante tanto para a produção quanto para comercialização, análise, ou mesmo para a exiguidade de estudos sobre o texto destinado à infância e à adolescência (Santos, 2011, p. 12).



Se retomarmos o percurso histórico e problematizarmos o contexto de surgimento de uma literatura voltada às crianças, é possível mesmo observar que o caráter instrumentalizado e didatizado foram decorrência, principalmente, dos postulados dos conceitos de criança e infância da modernidade, elaborados dentro do contexto patriarcal e colonial.

Historicamente, quando a criança é percebida de maneira diferente do adulto, “[...] inúmeros dispositivos são construídos para sua proteção, cuidados e educação” (Moruzzi, 2008, p. 42).

Com a pretensão de ser universal, essa demarcação de criança e infância na modernidade fez surgir duas necessidades hegemônicas: a inserção pelo adulto, das crianças nas regras sociais do mundo produtivo e, por outro lado, a ideia excessiva de proteção e inocência. Andrea Moruzzi (2008) aponta que, a partir dos séculos XV e XVI, surgiu uma literatura específica, como manuais educativos e de prescrições, elaborados com o objetivo de determinar o que era para ser ensinado às crianças. Ou seja, a literatura infantil nasceu com uma função bem explícita: didatizar e moralizar.

Nesse cenário paradoxal, compartilhando as responsabilidades com as famílias, criaram-se instituições reconhecidas como locais em que as crianças deveriam ser educadas. Para tanto, desenvolveram-se inúmeros artefatos com a finalidade de tentar controlar e governar esses corpos infantis e, por consequência, capturar suas subjetividades. Isso se deu principalmente com foco nas crianças consideradas pobres, através de práticas marcadamente influenciadas pelas políticas higienistas e biológicas (Moruzzi; Tebet, 2010).

E nesse mecanismo de controle e de enquadramento das instituições, a literatura se apresentou como ferramenta diretiva, de transmissão e de dominação. Como podemos notar no fragmento a seguir, ela passa a ser demarcada pelo adjetivo “infantil”:

Após inventada a infância ou um conceito de infância que se aproxima daquele que concebemos contemporaneamente, tornou-se imperativa a criação de múltiplos equipamentos para sua regulação, controle, cuidado etc. Dentre tais equipamentos – ou tecnologias, como escreveu Foucault, a propósito da constituição da subjetividade – está a literatura infantil/juvenil: um instrumento da escola com objetivos sobretudo didáticos e moralistas (Santos, 2011, p. 32).



Então, constatamos que nos espaços formais de educação das crianças o livro esteve historicamente presente principalmente como material auxiliar e didático, centrado no seu potencial doutrinário. Essa presença deixou um espaço bem menor à literatura para deleite, por exemplo, que era algo permitido à literatura geral.

Tal como comenta Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2010, p. 43), segundo Félix Guattari, “é desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalista, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos, tanto imaginários quanto técnicos, nos quais ela deve inserir”.

Magalhães (2016) discute, em sua dissertação, como os discursos presentes na literatura infantil podem influenciar na constituição de sujeitos. Essa pesquisa analisa livros infantis do acervo complementar do Plano Nacional do Livro Didático, com enunciados referentes à Educação Ambiental. Segundo a autora, os livros se caracterizam por constituírem-se como manuais de comportamentos, para orientar e formar indivíduos engajados e responsáveis, numa espécie de captura e produção de sujeitos infantis ecologicamente corretos e preocupados com o futuro. Com isso, Magalhães discute a potencialidade da literatura infantil para produzir modos de ser, estar e agir no mundo.

Nessa mesma direção, estudos como os de Paulo R. dos Santos (2012), Bárbara H. Garré e Paula C. Henning (2017) evidenciam a necessidade de se problematizar como a Educação Ambiental foi se consolidando na contemporaneidade, pautada na noção de crise e degradação ambiental, e refletem sobre os impactos disso nas subjetividades.

Santos (2012) contribui para essa problematização em suas análises sobre o funcionamento do domínio ambiental como tecnologia de poder e aponta que, dentro da lógica da racionalidade característica da modernidade, o discurso ambiental foi se construindo e se colocando como verdade absoluta, a partir da sustentação de que há uma relação dual e polarizada entre sociedade e natureza, e que dessa relação se instaura uma crise ambiental. Ou seja, segundo Santos, a natureza passa a ser usada como dispositivo de poder, que objetiva controlar a relação das pessoas com a natureza a partir do princípio de degradação. O referido autor indica que, enquanto fenômeno

planetário, a questão da degradação ambiental passa a operar com mais força a partir de 1970, fortemente respaldada no conhecimento científico.

Ao trazer para o debate a trajetória ascendente da racionalidade ambiental, Santos (2012) aponta que na contemporaneidade esses discursos produzem um sujeito ecológico, que deve cuidar da natureza e preservá-la, em contraposição ao sujeito que é culpado pela sua poluição e degradação. Essa contraposição fica evidente no livro infantil *O mundinho* (Bellinghausen, 2008) e pode ser observado na Figura 1, a seguir:

Figura 1

Páginas do livro “*O mundinho*” (Bellinghausen, 2008)



Há, ao mesmo tempo, a responsabilização de todas as pessoas e também de cada uma, individualmente, pela qual “[...] somos capturados na trama discursiva de subjetivação ambiental e constituídos negativamente como poluidores e positivamente como guardiões da natureza” (Santos, 2012, p. 336), o que faz com que haja um controle de si próprio e dos outros, determinando, portanto, as maneiras pelas quais se deve relacionar com a natureza. Nesse sentido, afirma Santos (2012, p. 329-330): “a subjetividade ambiental é por natureza uma dimensão ambígua da condição do sujeito na contemporaneidade”.



De acordo com esse autor, nas raízes desse controle da relação antropocêntrica com a natureza está a intenção de manter e fazer ascender a economia capitalista, que precisa dela como recurso, originando esforços que são empreendidos para distanciar a crise ambiental do sistema capitalista, através, por exemplo, de enunciados de desenvolvimento sustentável ou consumo consciente, que se configuram como oxímoros.

Para Guattari (2001), até o século XIX a produção dessa subjetividade esteve forjada em antagonismos. No entanto, o advento do capitalismo pós-industrial, da sociedade de consumo e da mídia trouxeram outros aspectos que forjam as subjetividades, em que há apelos à uniformização, ao mesmo tempo em que há a reivindicação das singularidades.

Neste contexto, Garré e Henning (2017) apontam que a mídia, a principal veiculadora da ideia de crise ambiental do planeta, apela para a necessidade de mudanças comportamentais individuais e cotidianas, como maneira de enfrentamento. As autoras mencionam a literatura infantil no rol de estratégias dessa lógica, em que se pode observar a manutenção do discurso ambiental e uma afetação da condição de sujeito marcadas pela crise ambiental.

A partir desse emaranhado, a literatura infantil aborda temas ambientais, o que contribui para a produção dessa subjetividade e a internalização de determinados comportamentos. Ou seja, atua na direção de produzir subjetividades coletivas homogeneizadas.

No contexto da educação, as experiências *na* e *com* a natureza, veiculadas pelos livros são, muitas vezes, precedidas pelo discurso da necessidade de que a criança aprenda conteúdos, dando uma utilidade adulta à experiência infantil. São livros que subestimam a criança e sua capacidade leitora e ativa, em que a preocupação didática e moralizante pode podar espaços para outros agenciamentos e para a liberdade criadora que a literatura enquanto arte pode estimular. Dessa maneira, podemos afirmar que é uma literatura que não permite forjar outros e novos territórios existenciais.

O foco deste texto não é a leitura da criança, e sim os livros infantis destinados a elas. No entanto, é importante salientar que a leitura da criança não é passiva. A todo momento e de diferentes maneiras, elas resistem, tensionam e estabelecem novas e outras relações com os livros e a literatura. Segundo Carolina R. de Souza (2016), as crianças dão um jeito de engendrar



situações, cenas e enredos para “driblar” o que os adultos consideram como dado. O que nos faz afirmar que as crianças criam relações singulares com a literatura, que escapam da lógica adultocêntrica. Verdadeiros acontecimentos, um devir em si.

### **3. Para além da pedagogização da temática ambiental: possíveis literários**

As reflexões teóricas levantadas neste artigo indicam a veiculação, nos livros infantis, de discursos que sustentam uma espécie de pedagogização do contato com a natureza. Com vistas à promoção de um agir consciente de caráter preservacionista, essa literatura se preocupa em prescrever às crianças maneiras de ser, estar e agir no mundo, marcado atualmente pela ideia de crise ambiental.

É evidente que vivemos essa crise ambiental. Tal como aponta Guattari (2001, p. 16), a vida está em crise e ameaçada: “O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície”.

O convite que Guattari (2001) nos propõe em *As três ecologias* e que trazemos para este artigo é tentar pensar transversalmente neste contexto de fim da polarização. Isso significa considerar, por exemplo, que a natureza é indissociável da cultura. E ainda: que a demanda contemporânea é por reinventar-se a si, produzindo novas formas de ser e estar no mundo, buscando novas experiências.

Então, o que há são movimentos entre a produção de subjetividades padronizadas e as resistências. Sobre isso, Kasper (2014, p. 337) afirma que esses são:

Movimentos que não apenas resistem ao processo de serialização da subjetividade, mas, também, produzem modos de subjetividade originais e singulares.  
O termo singularização designa os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, por meio da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção etc.

Portanto, concordamos com Guattari (2001, p. 17), quando ele afirma que “o que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos



paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas”. Por isso é que, para ele, uma nova lógica ecosófica é semelhante à do artista.

Vale ressaltar que essa eco-lógica é a articulação ético-política entre as três dimensões ecológicas que ele propõe; quais sejam: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana. Esses três eixos precisam ser vistos tanto como parte de uma disciplina ética e estética comum, quanto como disciplinas distintas entre si em termos das práticas que as caracterizam. Assim, a partir desta lógica é que seria possível reinventar novas e outras maneiras de se relacionar com a natureza e com a vida.

Como aponta Guattari (2001, p. 54), a partir de um processo contínuo de ressingularização, “os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes”. Nesse movimento de heterogênesse, as instâncias e os dispositivos serão analíticos e também produtores de subjetividade, em um movimento de criação e projeção de devires.

Apresentamos aqui a possibilidade de que a literatura infantil também possa ser considerada como arte, provocadora de potentes experiências infantis. Kasper (2014, p. 342), inclusive, afirma que pensar a arte como potência é trazer o ponto de vista da ecosofia: “Potência capaz de nos retirar dos lugares costumeiros, nos desestabilizar, desautomatizar, abrir-nos a novas sensações, novos modos de sentir, pensar e agir”.

Esta proposta outra de literatura implica pensá-la para além da escolarização e da transmissão de mensagens ou conteúdos. Pensá-la inventiva de novos possíveis, estimuladora de encontros das crianças *com e na* natureza, de maneira livre, brincante, a partir de sua lógica infantil, compreendendo assim a multiplicidade de relações possíveis de serem vivenciadas pelas crianças em seus encontros e afetos com os livros. É buscar pela literatura infantil centrada na própria infância.

#### 4. Referências

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação - Revista do Centro de Educação** - Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS, Brasil, v. 35, n 1, p. 39-52, jan.-abr. 2010.



ANTLOGA, D. C. **A articulação entre a literatura infantil e o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2014.

BELLINGHAUSEN, I. B. **O mundinho**. 3. ed. rev. - São Paulo: DCL, 2008.

COSTA, J. R. N.; ALVES, G. L. Texto literário como instrumento de Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 33-45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.10572> Acesso em: 08 jan. 2021.

CUNHA, C. R. da; NASCIMENTO, C.; DALL'ORTO, J. A. C.; SILVA, J. G. F. da. A literatura infantil e sua possibilidade de abrir horizontes em relação à Educação Ambiental na primeira infância. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 431-441, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.9898> Acesso em: 08 jan. 2021.

GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. Discurso da crise ambiental na mídia impressa. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 33, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698138587> Acesso em: 08 jan. 2021.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2001. 1. ed. eletrônica. Formatada para Impressão. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5290521/mod\\_resource/content/1/guattari-as-tres-ecologias.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5290521/mod_resource/content/1/guattari-as-tres-ecologias.pdf)

KASPER, K. M. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 331-344, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200005> Acesso em: 14 jul. 2023.

MAGALHÃES, C. da S. **A literatura infantil e o discurso da Educação Ambiental escolarizada: lições de como cuidar do planeta**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

MARTINS, L.; MENDES, T. (2013). Literatura Infantil e a Educação Ambiental. **Revista Aprender**, Portalegre, v. 33, p. 151-156, 2013. Disponível em: <http://aprender.esep.pt/index.php/aprender/article/view/104> Acesso em: 08 jan. 2021.



MIRANDA, S. A. de A. **A alfabetização científica nos livros de literatura infantil da região sul da Bahia:** possíveis articulações e potencialidades. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores da Educação Básica) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2016.

MORUZZI, A. B. Cultura da Infância: entre textos, desenhos e outras linguagens – Intervenções Infantis nas formas de subjetividade. *In:* SEMINÁRIO SOBRE LINGUAGENS – POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO – EDUCAÇÃO, 4., 6 e 7 de novembro de 2008, Cidade. **Anais [...]**, Rio Claro, UNESP, 2016. p. 41-52. Tema “Dialogia: Formações discursivas e Imagens”.

MORUZZI, A. B.; TEBET, G. G. de C. Instituições. *In:* ABRAMOWICZ, A. *et al.* **O plural da infância:** aportes da sociologia. São Carlos: EDUFSCar, 2010. p. 21-55. 118p. (Coleção UAB-UFSCar).

SANTOS, M. de M. **Por um lugar para a literatura infantil/juvenil nos estudos literários.** Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, P. R. dos. **Natureza e verdade:** a pedagogização ambiental da sociedade contemporânea. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, T. G. da. **O ensino de Ciências por meio de textos literários:** dos conceitos espontâneos aos conceitos científicos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2017.

SILVA, T. P. da. **Mamãe galinha, menina joaninha:** representações dos animais no livro infantil e suas possibilidades na educação científica. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUZA, C. R. de. A ciência no espaço educacional da criança: do fazer ciência à ciência do fazer. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 42-51, 2016. DOI: 10.14244/198271991449. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1449>. Acesso em: 14 jul. 2023.



SOUZA, D. A. de. **Valores éticos e estéticos relativos à temática ambiental em livros de literatura infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016.